

Relato de caso: Raiva em Anta-brasileira (*Tapirus terrestris*)

RODRIGUES, Camila Sanches¹; MIZUNO, Lígia Cipriano¹; NETO, Guilherme Guerra²; ANDO, Natasha Fujii³; CESARIO, Richard Alegria⁴; LIMA, Renan Vieira⁵; PEREIRA; Beatriz Borelli⁶

¹ Médica Veterinária, aprimoranda em Clínica Médica e Cirurgia de Animais Selvagens - PAP UNIRP, Zoobotânico de São José do Rio Preto

² Médico Veterinário, Gestor do Zoobotânico de São José do Rio Preto

³ Médica Veterinária do Zoobotânico de São José do Rio Preto

⁴ Médico Veterinário, Especialista em Clínica Médica e Cirurgia de Animais Selvagens - PAP UNIRP

⁵ Auxiliar de Veterinário do Zoobotânico de São José do Rio Preto

⁶ Médica Veterinária, pós-graduanda em diagnóstico por imagem - UNYLEYA

Resumo

Uma Anta-brasileira (*Tapirus terrestris*), capturada em uma área rural de Novo Horizonte, interior de São Paulo, inicialmente, deu entrada para atendimento no Zoobotânico de São José do Rio Preto, em junho de 2023, devido a um atropelamento. Posteriormente, foi positivada para raiva.

Palavras-chaves: Anta. Animal silvestre. *Lyssavirus*. Raiva. Zoonose.

Introdução

A raiva, considerada uma antropozoonose, é causada por um vírus RNA da família *Rhabdoviridae*, gênero *Lyssavirus*. Trata-se de uma das zoonoses de maior importância em Saúde Pública no mundo todo.

Na América Latina, os morcegos hematófagos, principalmente o *Desmodus rotundus*, constituem-se nos principais transmissores, podendo transmitir o vírus para diferentes espécies de animais.

A transmissão ocorre pela inoculação do vírus presente na saliva do mamífero infectado, principalmente pela mordedura ou lambedura de mucosas, envolvendo quatro ciclos epidemiológicos distintos. O ciclo aéreo, transmitido entre os morcegos, o ciclo silvestre, com transmissão entre animais silvestres, o ciclo urbano, com transmissão entre cães e gatos, e o rural que envolve bovinos, bubalinos e equinos. A partir desses ciclos, a doença pode acometer os humanos (MAPA, 2023).

No ciclo silvestre, o vírus pode utilizar como reservatórios naturais diferentes espécies animais, as quais podem variar em função da fauna e localização geográfica (CARDOSO FILHO et al., 2019). No Brasil, já foram observados diversos hospedeiros, tais como: jaritatacas (*Conepatus* sp.), guaxinins (*Procyon* sp.), saguis (*Callithrix* sp.), cachorro-do-mato (*Cerdocyon thous*) e raposa-do-campo (*Lycalopex vetulus*) (CARNIELI JÚNIOR et al., 2008; SATO et al., 2006).

A sintomatologia dos canídeos silvestres é, na maioria das vezes, do tipo furiosa, semelhante à dos cães domésticos. Já em herbívoros, a sintomatologia predominante é da forma parálitica,

podendo se observar inquietação, tremores musculares, incoordenação motora, salivação, dilatação de pupila, hipersensibilidade no local da mordedura, e até autodilacerações. Os sinais de paralisia aparecem entre o segundo e terceiro dia após o início dos sintomas, sendo a duração da doença, geralmente, de dois a cinco dias (BRASIL, Ministério da Saúde, 2008).

Da ordem Perissodactyla, a anta-brasileira (*Tapirus terrestris*), é uma das quatro espécies reconhecidas do gênero *Tapirus* (MEDICI, 2011).

No Brasil, a espécie é encontrada em todos os biomas. Entretanto, está classificada como vulnerável no Status de Conservação (IUCN, 2019).

São animais essencialmente herbívoros. Sua dieta é diversa e composta por muitas espécies, e famílias de plantas, bem como por diferentes partes vegetais, incluindo folhas, brotações, galhos, cascas, flores e frutos (MEDICI, 2011).

Objetivo

Relatar um caso de diagnóstico positivo para raiva em Anta-brasileira (*Tapirus terrestris*), que deu entrada devido a um atropelamento, e veio a apresentar sintomatologia correspondente a doença após o terceiro dia de internação.

Metodologia

Deu entrada para atendimento no Zoobotânico de São José do Rio Preto, uma Anta-brasileira (*Tapirus terrestris*), fêmea, adulta, aproximadamente 180 quilos, com o relato de atropelamento por colheitadeira em zona rural.

Inicialmente, o animal apresentava paresia de membros pélvicos, sendo responsivo a dor somática nos mesmos, algumas escoriações pelo corpo e prostração. No exame físico, não foi identificado fraturas, entretanto, devido ao histórico e condição do animal, o mesmo foi mantido em observação para realização de exame de imagem, para confirmação e descarte de possíveis lesões.

No terceiro dia de internação, o animal passou a apresentar sialorreia, tremores, dilatação de pupila, pedalagem dos membros torácicos, paralisia dos membros pélvicos, e automutilação da língua. Após o surgimento dos sinais clínicos citados anteriormente, foi optado pela eutanásia do animal.

Resultados e discussão

Foi realizada a necropsia, e como achado, foi identificado um feto. Também foi realizada a coleta de material, seguindo as orientações do Manual de Diagnóstico Laboratorial da Raiva, do Ministério da Saúde. O sistema nervoso central coletado, foi devidamente acondicionado em isopor com gelo e, imediatamente encaminhado ao Centro de Controle de Zoonoses Municipal, para posterior envio para a unidade de São Paulo.

Através dos exames de Imunofluorescência Direta, e Isolamento Viral em cultivo celular, ambos foram positivos para o referido material.

Como protocolo interno do zoológico, todos funcionários realizam acompanhamento sorológico periodicamente. Todavia, após o acontecido, foi realizada a triagem de toda a equipe exposta, sendo providenciado o reforço da vacina antirrábica, executada pela Vigilância Epidemiológica da Secretaria Municipal da Saúde de São José do Rio Preto, e posteriormente a sorologia de anticorpos para controle.

Conclusão

O número de casos de raiva em herbívoros confirmados laboratorialmente tem crescido significativamente em algumas regiões, de maneira preocupante, devido principalmente à intensa proliferação dos morcegos hematófagos e à crescente dificuldade de controle de suas populações.

Como qualquer mamífero é susceptível à infecção pelo vírus da raiva, a vigilância da doença deve ser parte integrante do diagnóstico diferencial dos animais com sintomatologia neurológica ou comportamento anormal.

Referências

BRASIL, Ministério da Agricultura e Pecuária. **Programa Nacional de Controle da Raiva dos Herbívoros – PNCRH**. Brasil, 2023. Disponível em: <<https://www.gov.br/agricultura/pt-br/assuntos/sanidade-animal-e-vegetal/saude-animal/programas-de-saude-animal/raiva-dos-herbivoros-e-eeb>>.

BRASIL, Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de Vigilância Epidemiológica. Brasília: Ministério da Saúde, 2008. p 19-44. Disponível em: <https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/manual_diagnostico_laboratorial_raiva.pdf>.

CARNIELI JUNIOR, Pedro et al. **Characterization of Rabies virus isolated from canids and identification of the main wild canid host in Northeastern Brazil**. Virus Research, Pubmed, 2008. Disponível em: <<https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/17889396/>>.

FILHO, Francisco das Chagas Cardoso; OLVEIRA, Carlos Alberto Castro; SANTOS, Nivaldo Vieira; PINHO, Juracir Bezerra; SOARES, Camila Lacerda. **Raposa atropelada diagnosticada com raiva em Crateús-CE: Relato de caso**. Pubvet, 2019. v 13. Disponível em: <<https://doi.org/10.31533/pubvet.v13n3a287.1-3>>.

International Union for Conservation of Nature (IUCN). (2019). RedList of Threatened Species. Disponível em: <www.iucnredlist.org>

MEDICI, Emília Patrícia (2011). Family Tapiridae (TAPIRS). In D. E. Wilson & R. A. Mittermeier (Eds.), **Handbook of the Mammals of the World – Volume 2: Hoofed Mammals**. Lynx Edicions.

SATO, G.; KOBAY, Kobayashi, Y.; SHOJI, Y.; SATO, T.; ITOU, T.; ITO, F. H.; SAKAI, T. **Molecular epidemiology of rabies from Maranhão and surrounding states in the northeastern region of Brazil, 2006**. Disponível em: <<https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/16773238/>>.